

É DO TANQUINHO QUE ELES GOSTAM MAIS: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO GAY NA REVISTA JÚNIOR

IT'S OF THE ABS THAT THEY MOST LIKE: THE GAY SUBJECT CONSTITUTION IN THE JUNIOR MAGAZINE

Paulo Aldemir Delfino Lopes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
pauloadl@hotmail.com

Nilton Milanez
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
nilton.milanez@gmail.com

RESUMO

O presente artigo, resultante da pesquisa que tenho desenvolvido no mestrado, busca na Análise do Discurso, sobretudo nas formulações foucaultianas, o aporte teórico, metodológico e analítico que possibilite a compreensão dos processos de constituição do sujeito gay na revista Junior. A revista, tomada enquanto artefato midiático, é portadora de diversos discursos imagéticos e verbais sobre o ser gay em nossa cultura, constituindo-se como objeto de uma pedagogia, especialmente no tocante ao corpo, às formas de cuidado e aos meios de transformação deste, oferecidos pela medicina e pela estética. A partir da memória discursiva, buscamos evidenciar como esses discursos são dinâmicos e fundamentais para que as identidades sejam transformadas/reinventadas. A interdição do pornográfico, no veículo midiático em questão, é um processo constitutivo de sentido que possibilita à revista esquivar-se de restrições de conteúdo, uma vez que ela é voltada para o público juvenil.

Palavras-chaves: Mídia; Sujeito; Discurso; Cultura; Corpo.

ABSTRACT

This article resulting from research developed in the master, search in Discourse Analysis, especially in Foucault's formulations, the theoretical framework, methodological and analytical in which to understand the gay guy constitution processes in Junior magazine. The magazine, taken as media artifact, is a carrier of many pictorial and verbal discourses about being gay in our culture, becoming as an object of pedagogy, especially with regard to the body, forms of care and methods of transformation of this, offered by medicine and aesthetics. From the discursive memory, try to show how these discourses are dynamic and fundamental to that identities are transformed / reinvented. The prohibition of pornography in media vehicle in question is a constituent of way process which enables the magazine dodge content restrictions, since it is geared towards a young audience.

Key words: Media; Subject; Discourse; Culture; Body.

1. Mídia e Sujeito: um corpo-a-corpo que interessa à Análise do Discurso

No auge da era midiática em que vivemos, pensar a constituição dos sujeitos a partir dos atravessamentos exercidos pelos diversos canais midiáticos a que estamos expostos diariamente requer uma reflexão sobre as formas de consumo de informação e de entretenimento que estão ao nosso alcance. Essas mídias nos constroem, por vezes, ditando padrões, alguns dos quais inatingíveis, que vão desde lugares a frequentar,

roupas e acessórios que devemos usar, brinquedos tecnológicos para entreter, até tratamentos invasivos, como a cirurgia plástica. A mídia que trazemos para essa discussão não é *hi-tec*, nem de alto custo, na verdade ela é um suporte sobre o qual o mercado se apoia para difundir, dentre outras coisas, um padrão de beleza destinado a uma fatia de mercado até pouco tempo minoritária, o público jovem homossexual masculino. Até algumas poucas décadas atrás, seria impossível pensar na existência de uma revista que se destinasse a tal público, dadas as limitações impostas por governos autoritários e pela própria sociedade preconceituosa e falso moralista. A revolução sexual, a crescente expansão do mercado editorial em busca de novos segmentos da sociedade, a luta por tratamento igualitário e, mais recentemente, a implementação de políticas públicas afirmativas, são alguns dos fatores que possibilitaram o aparecimento de mídias voltadas para as “minorias” excluídas, como revistas para o público negro e homossexual.

A Revista JUNIOR, surgida no ano de 2007, é uma publicação mensal da Editora Mix Brasil voltada para o público homossexual masculino que busca destacar-se das demais revistas desse gênero por não apresentar classificação etária, embora seus leitores ideais sejam de faixa etária juvenil. Interessa-nos, particularmente, verificar como se dá a constituição do sujeito gay, a partir da relação do jovem com o seu corpo, relação esta mediada pela revista. Por se tratar de uma revista juvenil, expresso pelo próprio nome – JUNIOR –, as páginas recheadas de imagens de corpos seminus revelam procedimentos de controle da fotografia do corpo que nos apontam algumas possibilidades de leitura. A primeira, voltada para a própria construção discursiva dos enunciados veiculados pela revista, relaciona-se à interdição da pornografia. A segunda, aponta para além da revista, para uma forma de pedagogia do corpo, aspecto constitutivo da relação do sujeito gay com seu corpo e que se relaciona com transformações de ordem cultural pelas quais passou a “cultura de si”.

Segundo Gregolin (2006, p.59), “pensando o “sujeito” como uma fabricação, uma construção realizada, historicamente, pelas práticas discursivas, é no entrecruzamento entre discurso, sociedade e história que Foucault observa as mudanças nos saberes e sua conseqüente articulação com os poderes”. É, pois, essa fabricação dos sujeitos por práticas discursivas (também culturais) que intentamos compreender. Portanto, a abordagem que pretendemos fazer sustenta-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso, com ênfase no processo de subjetivação, a partir da obra de Michel Foucault.

No tocante ao corpo, ao império do músculo, recortamos uma parte bem específica, a barriga sarada (tanquinho), pois como buscamos demonstrar, ela se configura, nessa publicação em específico, como um lugar de identidade e, ao mesmo tempo, como o sexo ressignificado. Para tanto, tomaremos para análise algumas imagens que encapam a revista e que, tomadas enquanto enunciados, trataremos de compreendê-los “na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de **estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado**, de mostrar que outras formas de enunciação exclui” (FOUCAULT, 2012, p. 34) (grifos nossos).

Se a marchinha de carnaval, ressignificada no título deste artigo, proclamava em tom jocoso a transformação dos padrões heterossexuais de beleza, concedendo à calvície um atributo de virilidade, nos dias atuais, o correlato entre os homossexuais, mas também entre os héteros, parece ser mesmo o músculo; ele é o atributo fálico que atrai uma boa parte dos jovens, adultos e velhos.

3. A interdição como elemento constitutivo do sujeito na Revista JUNIOR

Como mencionamos anteriormente, a JUNIOR despontou no mercado editorial brasileiro graças a sua singularidade, apresentando-se como uma revista para gays que pode ser lida/consumida sem restrições. Essa característica foi enfatizada desde o primeiro número, pois, segundo seu editor, André Fischer: “Ela seria assumida sem ser militante, sensual sem ser erótica, cheia de homens lindos, com informação para fazer pensar e entreter” (FISCHER, 2007, p. 11).

Tentando compreender como se deu a ascensão da revista no mercado editorial brasileiro, percorremos as 48 edições já publicadas em busca das marcas que a singularizam, quando comparada a outras revistas voltadas para o público gay. Além de a revista se alinhar sempre aos temas mais atuais em debate no cenário nacional, como a discussão sobre crimes homofóbicos e a aprovação do casamento gay, o tratamento das imagens aponta para um procedimento de controle da fotografia do corpo. Esse procedimento – a interdição –, já problematizado por Foucault em *A ordem do discurso*, revela-se assaz pertinente e criativo, possibilitando a sensualidade sem o erotismo, como proposto no primeiro editorial da revista. Segundo Foucault, “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2010, p. 9). Pensamos, portanto, que

Apesar de Foucault ter classificado a interdição como um procedimento de controle externo ao discurso, percebemos que na RJ, a ocultação do pornográfico tanto se dá para que o veículo midiático tenha maior aceitabilidade quanto como um processo de manipulação deliberado, para se obter um efeito de verdade, configurando-se, pois, como constitutivo da verdade da RJ (LOPES, 2012, p. 5).

Não desconhecemos os desdobramentos que a noção de interdição teve na obra do autor, mas, na JUNIOR, o procedimento de controle da imagem se mostra operante e criativo, na medida em que, negando-se a mostrar a genitália, a revista desloca o nosso olhar para outras áreas do corpo carregadas de sensualidade.



Revista JUNIOR, Ano 6, n. 46, p. 55

Na imagem acima, à esquerda, o modelo, completamente despido, usa uma girafa de pelúcia para cobrir o pênis. O bicho, conhecido pelo pescoço de tamanho descomunal, reforça o imaginário da potência fálica. Acrescente-se a isso a expressão facial, a boca entreaberta, os olhos levemente cerrados e a pele da testa franzida e temos um quadro orgástico, de forte conotação sexual, mas, ainda assim, não pornográfico, segundo os critérios da revista.

Na imagem da direita, o modelo, coberto de adereços, levanta a camisa e expõe todo o abdômen magro e sarado, com formas esculturais, evidenciando, dentro dos limites do dizível, o corpo ideal. O sentido pedagógico dessa imagem emerge do ato de

descobrir a barriga, exibindo aquilo que se tem de melhor, o que se deve almejar, pois, segundo Sant'Anna (2006, p. 19), “Uma das melhores provas de que ‘se tem totalmente o corpo que se é’ talvez seja exhibir uma aparência que coincide completamente com o que se deseja a cada momento”. Neste ato, a falta causada pela ausência da nudez explícita é compensada pelo elemento que, na espacialidade da imagem, ocupa a maior área de visibilidade. O objeto do desejo é deslocado do pênis para a barriga “sarada”.

Ainda segundo Sant'Anna (2006, p. 19), “qualquer distância entre o que se quer do corpo e o que ele é torna-se um grande problema, uma fonte de descontrole e de sofrimento”. Sendo assim, ao sujeito-leitor que foi fisgado pela imagem e que se identifica com ela, mas não tem o corpo que deseja, o anúncio publicitário contido na Edição 47 da revista apresenta a solução:

DR. FLÁVIO BURGOS
cirurgião plástico

Bioplazma
Aumento de nádegas, lipoaspiração, etc.

Rejuvenescimento
Tratamento com laser, etc.

Tatuagens
Desenho e correção, etc.

Cirurgia Estética
Pintura de mamas, etc.

contato@drflavioburgos.com.br
www.drflavioburgos.com.br

Rua Apertinas, n. 564 Q. 92 - Paraíso - São Paulo/SP
Telefone: (11) 3285-4225

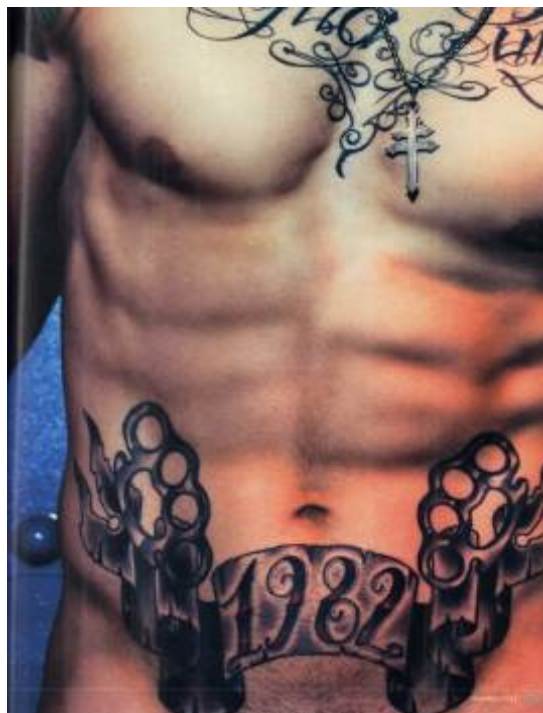
aceitamos os cartões
VISA
MasterCard
American Express

Revista JUNIOR, Ano 6, n. 47, p. 77.

Ressaltamos que a recorrência de imagens da barriga não se limita apenas aos anúncios de cirurgia estética ou de suplementos alimentares, elas estão presentes em muitas capas e em quase todos os ensaios fotográficos, como podemos ver na sequência de imagens abaixo:



Essa série de imagens, ainda que aleatórias (capas das edições 7, 10, 13, 18, 20, 24, 29, 31, 33 e 39, respectivamente), apresenta uma coerência: a barriga ocupando o centro das atenções se inscreve na ordem do repetível, criando uma familiaridade e constituindo uma memória. Essa familiaridade causada pela repetição é menos aleatória que intencional, pois reforça um ideal de corpo “vendido” pela revista.



Revista JUNIOR, Ano 6, n. 45, p. 27

Na imagem acima, que ocupa uma página inteira da revista, o corpo é (des)identificado; o rosto, índice de identificação é recortado, e a ênfase é dada do peito

ao início dos pelos pubianos, deixando a barriga em evidência. A tatuagem logo abaixo do umbigo, com a inscrição do ano de nascimento do modelo, mostra que é possível chegar aos 33 anos em boa forma.

2. A mídia e o império do músculo: novas formas do cuidado de si?

Antes que pensemos que a preocupação com um corpo “sarado” é recente ou que apenas os jovens se dedicam em busca de um corpo perfeito, destacamos: a cultura do corpo existe desde a Grécia Antiga e, embora o ideal de beleza tenha se modificado ao longo dos séculos, permanece viva e vicejante ainda hoje. Ela ancora-se no discurso médico científico, que prescreve o exercício como forma de permanecer longe das doenças que acometem os ociosos e teria suas raízes, resguardadas as limitações do preceito, no que Foucault chama de *cuidado de si*. Segundo o autor,

[...] o princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e elaboração de um saber (FOUCAULT, 2009, p. 50).

Nesse sentido, o “cuidado de si” – princípio filosófico de fundamental importância nas civilizações grega e romana que depois reaparece entre os cristãos na forma de ascetismo espiritual e corporal e que sofreu transformações originando as novas formas de cuidado de si dos dias atuais, ou seja, a cultura do corpo – pode ser relacionado etimologicamente a pelo menos duas daquelas acepções de “cultura” apresentadas por Terry Eagleton (2011): enquanto *cultivo*, no sentido de aquilo que se cultiva, que pelo trabalho persistente e deliberado se faz crescer, mas também ao *culto*, ao objeto sacralizado, digno de reverência.

Vale lembrar o que a antropologia corporal já identificou sobre esse processo. Cesar Sabino aponta que:

se no início o processo de racionalização e disciplinarização corporal estava relacionado a práticas e saberes religiosos, passando, logo após, para a administração estatal, hoje são o *marketing* e o mercado os novos senhores desta administração (SABINO, 2007, p. 151).

A prática que se delinea através das mídias é, na verdade, uma economia do corpo, que por meio dos mais variados canais midiáticos, apresentam incessantemente a necessidade de consumo de produtos e serviços para que os indivíduos se moldem e assumam o lugar de sujeitos a partir e através do cultivo de seus próprios corpos.

Como essas práticas econômicas são também práticas sociais e culturais, coaduna com isto a afirmação de Eagleton(2011, p. 59) de que “a cultura, assim, é uma questão de auto-superação tanto quanto de auto-realização. Se ela celebra o eu, ao mesmo tempo também o disciplina, estética e asceticamente”. Dessa forma, percebemos que essa (nova) cultura do corpo também busca validar-se no discurso da estética, e nesse sentido, relaciona-se às novas formas de hedonismo³⁹. Nos dias atuais, uma série de intervenções cirúrgicas, cremes e tratamentos milagrosos prometem eterna juventude; surgem, a cada dia, inúmeras formas de manter o corpo jovem, desde academias de ginástica para a terceira idade a tratamentos cada vez mais especializados, como as cirurgias plásticas, os tratamentos a laser, as injeções de hormônios, de anabolizantes, de toxinas botulínicas, implantes de cabelo, panturrilha, peitoral, etc.

A promessa de métodos milagrosos e eficazes para se obter um corpo perfeito é uma recorrente injunção a que os leitores da JUNIOR são submetidos. A capa da edição de número 12 traz em destaque a promessa de um corpo perfeito em 24 horas.



Revista JUNIOR, Ano 2, n. 12, (capa)

³⁹Segundo o dicionário Houaiss (2009), cada uma das doutrinas que concordam na determinação do prazer como o bem supremo, finalidade e fundamento da vida moral, embora se afastem no momento de explicitar o conteúdo e as características da plena fruição, assim como os meios para obtê-la.

A fonte grande e em caixa alta do enunciado verbal e a fotografia de um jovem modelo coadunam com o imaginário de corpo associado ao gay e ocupam o lugar de maior visibilidade da revista, sem, no entanto, explicar os métodos, custos e riscos a que os sujeitos leitores teriam que se submeter para obter esse corpo. Pensando sobre quais enunciados são silenciados por este que prevalece e descartando a possibilidade de este fazer referência à musculação, haja vista a impossibilidade de se conseguir resultados imediatos, encontramos na coluna *Beleza* a fotografia de um corpo que dialoga com a promessa da capa.



Revista JUNIOR, Ano 2, n. 12, p. 86.

Na fotografia acima, a prótese de silicone colocada sobre o peito do modelo (que já possui um corpo definido) responde à provocação do enunciado verbal da capa, reiterando a possibilidade se obter um corpo perfeito em 24 horas. Como a beleza é uma imposição do império do músculo, a cirurgia estética surge como uma alternativa rápida, porém cara e arriscada.

Na página ao lado, o título da matéria, numa referência à artificialidade da técnica, diz: *Robocop gay: o corpo perfeito pode ser conquistado com anos de malhação ou em 24 horas nas clínicas de cirurgia plástica*. Deslizando os olhos pela página, lá está encontramos os tópicos da matéria que confirmam a familiaridade do título: “Meu bumbum era flácido...” e “Com mil pedaços biônicos...” são versos de uma música do grupo Mamonas Assassinas que nos fazia rir na década de 1990. A música funciona aqui como um interdiscurso, ou seja, faz parte da memória de tudo o que foi

dito sobre a relação do gay com seu corpo e ratifica um estereótipo que naqueles anos já era corrente e, talvez nos dias atuais, seja ainda mais forte: a constituição do sujeito gay é fortemente influenciada pela relação desse sujeito com o seu corpo; ele, mais que qualquer outro sujeito, intervém sobre sua forma física, pois ela, no imaginário da nossa sociedade, define o seu pertencimento, sua identidade gay. O efeito cômico e irreverente que aquela música veiculava se fazia pelo tom “afetado” da voz do vocalista e pelos versos cantados *emback vocal* – “(quero chupar-pa)”; “(silicone yeah! yeah!)” e “(doce, doce, amor)”. No tocante às técnicas de transformação do corpo, uma estrofe trazia, sob a forma de uma injunção, os seguintes versos:

Faça uma plástica
Aí entre na ginástica
Boneca cibernética
Um robocop gay...
(Mamonas assassinas)

O que essas práticas evidenciam, em último caso, é que o desejo de possuir um corpo perfeito muitas vezes excede o padrão de normalidade, levando inúmeros indivíduos a desenvolverem um transtorno psicológico decorrente da não aceitação de sua imagem corporal, a dismorfofobia. Outro transtorno frequentemente associado aos jovens gays, também de natureza psicológica e que pode afetar seriamente suas relações interpessoais é a síndrome de Peter Pan: o desejo de permanecer jovem associado ao medo de crescer, amadurecer, tem contribuído para que muitos jovens não abram mão do estilo de vida infantil e, por isso, encontram sérios problemas para entrar no mercado de trabalho, escolher uma profissão, etc.

Todo esse conhecimento sobre o corpo, seja respaldado no discurso médico científico ou estético, influencia diretamente os modos de subjetivação do sujeito gay, uma vez que o corpo nos é apresentado como objeto de um saber, mas também, e principalmente, como objeto de consumo, e a mídia, enquanto dispositivo disciplinador, através de uma pedagogia do corpo, justifica todo investimento que se faça sobre este.

4. Considerações Finais

As mídias, como grandes artefatos culturais, em geral, ditam não só as regras de produção e veiculação de determinados discursos, como também instauram rupturas na memória discursiva. O que temos visto na Revista Junior, em específico, mas também em algumas outras publicações congêneres, é o limiar de uma grande transformação das

identidades sexuais, transformação esta que passa pelos modos pelos quais o sujeito gay se relaciona com seu corpo fazendo emergir dele novos sentidos. Nesse movimento de ressignificação do sujeito, os fatores ditos culturais ligados às formas de consumo estabelecem um “modelo” de corpo a ser desejado/consumido pelo sujeito gay, valendo-se dos estereótipos comumente associados a esses sujeitos. Para esquivar-se das restrições etárias que tornam o discurso pornográfico indizível numa revista voltada para o público juvenil, a *Junior* tem utilizado abundantemente o procedimento de interdição, fazendo emergir novas formas de ver/dizer o sujeito gay que influenciam nos processos de identificação e subjetivação.

REFERÊNCIAS

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. 2. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FISCHER, André. Chegou a hora. In: **JUNIOR**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 11, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010. (Leituras Filosóficas).

_____. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos & duelos. 2. Ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

HOUAISS, A. & VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa** – versão eletrônica. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LOPES, Paulo A. D. **O corpo interditado**: procedimentos de controle da imagem na Revista *JUNIOR*. Disponível em: <http://anais2012.cielli.com.br/artigos_linguisticos?ModBusca=autor1&busca=paulo+ademir&OK=Buscar>. Acesso em: 11 Fev. 2013.

SABINO, Cesar. Anabolizantes: Drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (org.). **Corpo e história**. 3. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

Síndrome de Peter Pan. Disponível em: <http://www.boog.com.br/artigos/sindrome-de-peter-pan>. Acesso em: 31 Jan. 2013.